

Prevalência das doenças crônicas das amígdalas e adenóides: uma avaliação epidemiológica e clínica

Gabriela de Souza Farias Brandão Nunes, João Flávio Guimarães de Leiros, Anna Laura Carniel Biesdorf, Felipe Manoel Moreira Lima Matias da Paz, João Vitor Fernandes Gonçalves Abucater, Tássia Peixoto Ribeiro, Katherine Mangili Tramontin, Senenje Afonso da Silva Beauchemin, Filipe de Melo Feitoza, Nathália Vasconcelos de Oliveira, Marcelo Pereira de Araújo, Andressa Maia de Almeida, Hugo Henrique dos Santos Dantas Guimarães



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p2091-2101>

Artigo recebido em 19 de Julho e publicado em 09 de Setembro de 2024

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

As internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides representam um desafio significativo para os sistemas de saúde, refletindo a gravidade e a persistência dessas condições. Essas doenças, que frequentemente afetam crianças, levam a hospitalizações devido a infecções recorrentes e complicações como obstrução respiratória e abscessos. A análise das internações revela padrões importantes sobre a prevalência regional, a faixa etária mais afetada e a natureza dos atendimentos. Com a predominância de internações eletivas e um aumento recente, entender esses dados é crucial para aprimorar estratégias de prevenção e manejo, otimizando o cuidado e reduzindo a necessidade de hospitalizações emergenciais. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi descrever um panorama epidemiológico das internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no Brasil, no período de 2019 a 2023. Este é um estudo de séries temporais, que usou dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH) do DATASUS. Essa fonte abrangente oferece uma visão detalhada das internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no Brasil. As análises das internações por doenças crônicas das amígdalas e adenóides revelam um aumento de 3,5% nas hospitalizações nos últimos cinco anos, com um pico em 2023, sugerindo uma recuperação após a pandemia. A predominância de internações nas regiões Sudeste e Sul, e entre homens brancos e crianças de 5 a 9 anos, reflete padrões específicos possivelmente relacionados a fatores socioeconômicos e ambientais. A alta porcentagem de internações eletivas indica tratamento planejado, mas a significativa proporção de casos de urgência destaca a necessidade de monitoramento precoce. Esses dados ressaltam a importância de estratégias de prevenção e ajuste de recursos de saúde para melhorar o manejo e reduzir complicações.

Palavras-chave: Doenças crônicas das amígdalas e adenóides, Internações, Epidemiologia

Prevalence of chronic tonsil and adenoid diseases: an epidemiological and clinical assessment

ABSTRACT

Hospitalizations due to chronic tonsil and adenoid diseases represent a significant challenge for health systems, reflecting the severity and persistence of these conditions. These diseases, which frequently affect children, lead to hospitalizations due to recurrent infections and complications such as respiratory obstruction and abscesses. Analysis of hospitalizations reveals important patterns regarding regional prevalence, the most affected age group, and the nature of care. With the predominance of elective hospitalizations and a recent increase, understanding these data is crucial to improve prevention and management strategies, optimizing care and reducing the need for emergency hospitalizations. Therefore, the objective of this study was to describe an epidemiological overview of hospitalizations due to chronic tonsil and adenoid diseases in Brazil, from 2019 to 2023. This is a time series study, which used data from the Hospital Information System (SIH) of DATASUS. This comprehensive resource provides a detailed overview of hospitalizations due to chronic tonsil and adenoid diseases in Brazil. Analyses of hospitalizations due to chronic tonsil and adenoid diseases reveal a 3.5% increase in hospitalizations over the past five years, with a peak in 2023, suggesting a post-pandemic recovery. The predominance of hospitalizations in the Southeast and South regions, and among white men and children aged 5 to 9 years, reflects specific patterns possibly related to socioeconomic and environmental factors. The high percentage of elective hospitalizations indicates planned treatment, but the significant proportion of emergency cases highlights the need for early monitoring. These data highlight the importance of prevention strategies and adjustment of health resources to improve management and reduce complications.

Keywords: Chronic diseases of the tonsils and adenoids, Hospitalizations, Epidemiology

Autor correspondente: Gabriela de Souza Farias Brandão Nunes gabrielabrandao@outlook.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

As doenças crônicas das amígdalas e adenóides representam um conjunto de condições inflamatórias e infecciosas que afetam estruturas importantes do sistema linfático, responsáveis pela defesa do organismo contra infecções. As amígdalas e adenóides atuam como barreiras de proteção, localizadas na cavidade oral e nasofaríngea, respectivamente, e têm como função capturar e neutralizar agentes patogênicos que entram pelo trato respiratório. No entanto, em alguns casos, essas estruturas podem se tornar foco de infecções recorrentes ou crônicas, como a amigdalite crônica e a hipertrofia adenóide, prejudicando a função respiratória e imunológica (Marques et al., 2024).

A amigdalite crônica é caracterizada pela inflamação persistente das amígdalas palatinas, geralmente associada a infecções repetitivas, que pode causar dor de garganta, mau hálito e, em casos graves, dificuldade para engolir. A hipertrofia das adenóides, por sua vez, resulta no aumento dessas estruturas, levando a obstrução nasal, respiração bucal, ronco e distúrbios do sono, especialmente em crianças. Essas condições podem ser agravadas por fatores ambientais, alérgicos e imunológicos, além de predisposição genética. O tratamento das doenças crônicas das amígdalas e adenóides pode variar de abordagens conservadoras, como o uso de medicamentos e mudanças no estilo de vida, até intervenções cirúrgicas, como a amigdalectomia e adenoidectomia, em casos refratários (Castro et al., 2022; Sabra et al., 2023). A compreensão das causas, sintomas e tratamentos dessas doenças é essencial para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e prevenir complicações mais sérias, como infecções respiratórias e distúrbios do sono.

A epidemiologia das doenças crônicas das amígdalas e adenóides revela uma prevalência significativa, especialmente em crianças, sendo essas condições responsáveis por uma alta demanda por consultas médicas e procedimentos cirúrgicos otorrinolaringológicos (Marques et al., 2024). Estima-se que as infecções de vias aéreas superiores, incluindo amigdalites e problemas adenóides, representem uma das causas mais comuns de consultas pediátricas, com picos de incidência entre os 3 e 10 anos de idade (Marques et al., 2024). A amigdalite crônica, que pode resultar de infecções bacterianas repetitivas, como as causadas pelo *Streptococcus pyogenes* (estreptococo beta-hemolítico do grupo A), ocorre com frequência em crianças e adolescentes (Scalabrin et al., 2003). Em adultos, as infecções crônicas das

amígdalas são menos comuns, mas podem ocorrer devido à persistência de focos infecciosos não tratados adequadamente na infância.

As internações relacionadas às doenças crônicas das amígdalas e adenóides ocorrem, principalmente, em casos em que as infecções recorrentes ou complicações mais graves, como abscessos periamigdalianos e apneia obstrutiva do sono, exigem tratamento cirúrgico ou cuidados intensivos (Cruz et al., 2016). A amigdalite crônica, quando não controlada por abordagens clínicas, pode levar à necessidade de internação para a realização de amigdalectomia, uma das cirurgias mais comuns na pediatria. A hipertrofia adenóide, frequentemente associada à dificuldade respiratória e distúrbios do sono, também é uma causa frequente de internação para a realização da adenoidectomia, especialmente em crianças (Abdel-Aziza et al., 2016). No entanto, complicações como hemorragias pós-cirúrgicas ou infecções secundárias podem prolongar o tempo de internação. Em alguns casos, pacientes com infecções agudas graves ou outras condições associadas, como sinusite crônica ou otites recorrentes, podem requerer internações prolongadas para tratamento com antibióticos intravenosos e monitoramento contínuo.

Avaliar a incidência das internações por doenças crônicas das amígdalas e adenóides é de grande importância para entender a carga dessas condições no sistema de saúde e desenvolver estratégias eficazes de prevenção e tratamento. A análise desses dados permite identificar padrões de ocorrência, grupos etários mais afetados e possíveis fatores de risco associados, como infecções respiratórias recorrentes, condições socioeconômicas e fatores ambientais. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi descrever um panorama epidemiológico das internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no Brasil, no período de 2019 a 2023.

METODOLOGIA

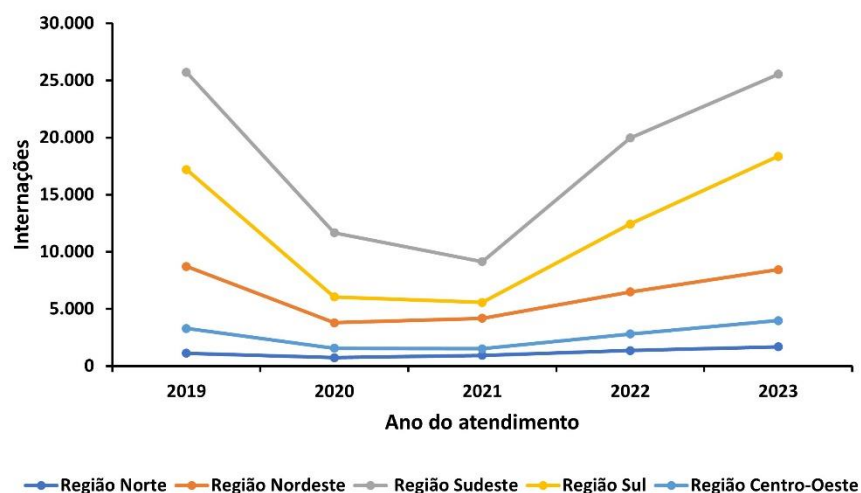
Trata-se de estudo descritivo, quantitativo e retrospectivo com análise de dados secundários, que traçou o perfil epidemiológico das internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides registradas no Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), disponível na plataforma do DATASUS. Os pacientes selecionados foram indivíduos internados entre janeiro de 2019 a dezembro de 2023 no território nacional.

Foram estimadas as taxas de internação e criados gráficos e tabelas informando ano de internação, faixa etária, cor/raça e caráter de atendimento. Por se tratar de uma análise secundária com dados públicos, não houve a necessidade de submetê-lo ao Comitê de Ética em Pesquisa. Para introduzir o tema e discutir os resultados, foram pesquisados artigos no SciELO, Lilacs e Latindex usando palavras-chave como “Amígdalas”, “Adenóides”, “Internações” e “Epidemiologia”. Todas as análises foram realizadas no Microsoft Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos cinco anos avaliados, foram registradas 202.269 internações por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no Brasil. O sudeste liderou o número de hospitalizações, contabilizando 92.051 internações (46% do total), seguida pela região Sul, com 59.609 internações (29%), e pelo Nordeste, com 31.614 internações (16%). Juntas, essas três regiões somam 91% de todas as internações registradas no período, destacando-se como as áreas mais impactadas (Figura 1). Esse padrão regional pode refletir tanto a distribuição populacional quanto o acesso a serviços de saúde e a prevalência de doenças crônicas respiratórias nessas áreas.

Figura 1. Internações hospitalares causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no período de 2019–2023 no Brasil, segundo as regiões e ano de atendimento.



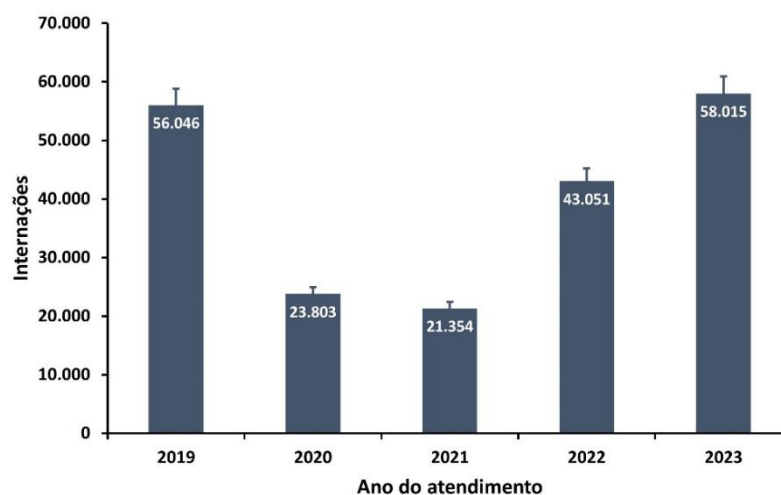
Fonte: Sistema de Informações Hospitalares (SIH) - DATASUS.

Os resultados que mostram a distribuição das internações por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no Brasil destacam disparidades regionais significativas. A predominância de internações no Sudeste (46%) e Sul (29%) pode estar associada

à maior densidade populacional e ao acesso mais amplo a serviços de saúde nessas regiões, que dispõem de infraestrutura hospitalar mais avançada e recursos médicos mais acessíveis. O Nordeste, embora tenha registrado 16% das internações, ainda enfrenta desafios relacionados à cobertura e qualidade dos serviços de saúde, o que pode impactar tanto o diagnóstico precoce quanto o tratamento adequado dessas doenças. A concentração de 91% das internações nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste reflete não apenas diferenças na prevalência das condições, mas também questões socioeconômicas e ambientais que afetam a saúde respiratória da população, como a exposição à poluição e as condições de vida em áreas urbanas (Dapper et al., 2016). Esses dados sugerem a necessidade de políticas regionais específicas para lidar com as doenças crônicas das amígdalas e adenóides, focando na melhoria do acesso aos cuidados de saúde, especialmente nas regiões menos assistidas.

Entre 2019 e 2023, o Brasil registrou um aumento de 3,5% nas internações por doenças crônicas das amígdalas e adenóides, com o maior número de hospitalizações ocorrendo em 2023 (58.015 internações, representando 29% do total). Em contraste, 2021 apresentou o menor número de internações, com apenas 21.354 casos (11%) (Figura 2).

Figura 2. Frequência das internações hospitalares causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no período de 2019–2023 no Brasil, segundo ano de atendimento.



Fonte: Sistema de Informações Hospitalares (SIH) - DATASUS.

Esse declínio observado em 2021 pode estar relacionado à pandemia de COVID-19, que afetou o acesso a serviços de saúde eletivos e hospitalizações, resultando na diminuição de procedimentos não emergenciais, como as cirurgias de

amígdalas e adenóides. No entanto, o aumento expressivo nos últimos dois anos, que totalizaram 50% de todas as internações do período avaliado, sugere uma possível recuperação da demanda reprimida e o retorno de casos acumulados, além de um aumento na incidência de doenças respiratórias crônicas após o pico da pandemia. Esses dados destacam a importância de monitorar a demanda por internações e ajustar os recursos hospitalares para atender adequadamente a essa crescente necessidade.

Em relação ao sexo e cor/raça, os homens brancos foram os mais afetados por internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides, representando 51% (103.561 internações) e 46,99% (95.038 internações) do total, respectivamente (Tabela 1). Esse dado pode refletir padrões de exposição, suscetibilidade biológica ou até mesmo fatores socioeconômicos que influenciam o acesso aos serviços de saúde. Em termos de faixa etária, as crianças entre 5 e 9 anos foram as mais afetadas, com 44,3% das internações (89.613), seguidas pelas crianças de 1 a 4 anos, que somaram 21,9% (44.225 internações) (Tabela 1). Esse predomínio entre as crianças reflete a vulnerabilidade desse grupo às infecções respiratórias e à hipertrofia adenotonsilar, sendo essa faixa etária comumente associada ao desenvolvimento de complicações que requerem intervenção cirúrgica (Marques et al., 2024). Esses achados reforçam a importância de um acompanhamento rigoroso em idade precoce e o desenvolvimento de políticas de saúde pública voltadas para a prevenção e o tratamento adequado dessas condições.

Tabela 1. Distribuição das internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no período de 2019–2023 no Brasil, de acordo com o sexo, cor/raça e faixa etária.

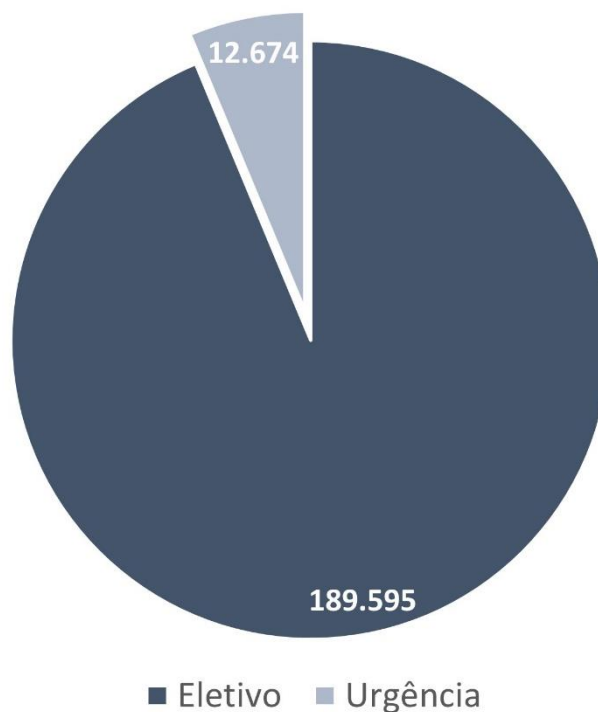
VARIÁVEIS	NÚMERO ABSOLUTO (%)
SEXO	
Masculino	103.561 (51%)
Feminino	98.708 (49%)
Total	202.269 (100%)
COR/RAÇA	
Branca	95.038 (46,99%)
Preta	5.279 (2,61%)
Parda	70.869 (35,04%)
Amarela	2.319 (1,15%)
Indígena	74 (0,04%)
Sem informação	28.690 (14,18%)

Total	202.269 (100%)
FAIXA ETÁRIA	
Menor de 1 ano	102 (0,1%)
1 a 4 anos	44.225 (21,9%)
5 a 9 anos	89.613 (44,3%)
10 a 14 anos	31.530 (15,6%)
15 a 19 anos	11.418 (5,6%)
20 a 29 anos	13.346 (6,6%)
30 a 39 anos	6.994 (3,5%)
40 a 49 anos	3.038 (1,5%)
50 a 59 anos	1.326 (0,7%)
60 a 69 anos	480 (0,2%)
70 a 79 anos	140 (0,1%)
80 anos e mais	57 (0,01%)
Total	202.269 (100%)

Fonte: Sistema de Informações Hospitalares (SIH) - DATASUS.

A maioria das internações relacionadas a doenças crônicas das amígdalas e adenóides foi de caráter eletivo, representando 94% (189.595 internações), enquanto apenas 6% (12.674 internações) foram classificadas como urgência (Figura 3).

Figura 3. Distribuição das internações causadas por doenças crônicas das amígdalas e adenóides no período de 2019–2023 no Brasil, de acordo com o caráter de atendimento.



Esse perfil predominante de internações eletivas indica que essas condições são geralmente manejadas de forma planejada, com cirurgias agendadas para tratar casos crônicos ou recorrentes. As internações de urgência, embora em menor número, refletem situações em que complicações mais graves, como abscessos periamigdalianos ou obstruções respiratórias severas, requerem intervenção imediata. Esses dados reforçam a necessidade de monitoramento regular de pacientes com amigdalite ou hipertrofia adenóide crônica, visando a evitar que essas condições evoluam para emergências, ao mesmo tempo que destacam a importância da disponibilidade de recursos para procedimentos cirúrgicos programados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das internações por doenças crônicas das amígdalas e adenóides nos últimos cinco anos revelam insights importantes sobre a prevalência, distribuição regional e características dos pacientes afetados. O aumento geral de 3,5% nas internações durante o período, com um pico significativo em 2023, sugere uma recuperação da demanda e um possível crescimento na incidência dessas condições após o período crítico da pandemia. A predominância de internações nas regiões Sudeste e Sul, bem como entre homens brancos e crianças de 5 a 9 anos, aponta para padrões específicos que podem estar associados a fatores socioeconômicos, ambientais e a características demográficas.

A elevada porcentagem de internações eletivas indica que, na maioria dos casos, as condições foram tratadas de forma planejada, refletindo um gerenciamento adequado das doenças crônicas. No entanto, a proporção significativa de internações de urgência ressalta a necessidade de monitoramento e tratamento precoce para evitar complicações graves.

Esses dados sublinham a importância de estratégias de prevenção e manejo eficaz dessas condições, bem como a necessidade de ajustar os recursos de saúde para atender à demanda crescente e regionalizada. Políticas públicas direcionadas à melhoria do acesso e da qualidade dos cuidados, especialmente nas regiões mais afetadas, e o fortalecimento da vigilância em grupos etários vulneráveis são essenciais para melhorar os desfechos clínicos e reduzir a incidência de internações emergenciais.

REFERÊNCIAS

ABDEL-AZIZA, M. et al. Trans-oral endoscopic partial adenoidectomy does not worsen the speech after cleft palate repair. *Braz J Otorhinolaryngol.* 2016;82(4):422-426

CASTRO, T.R.; REIS, B.C.C. O tratamento cirúrgico de pacientes portadores de adenoidite: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Médico. REAMed;* Vol. 12, 2022.

CRUZ, D.M. et al. Internações hospitalares, óbitos, custos com doenças respiratórias e sua relação com alterações climáticas no município de São Carlos - SP, Brasil. *Medicina (Ribeirão Preto. Online)* 2016;49(3): 248-25

DAPPER, S. N.; SPOHR, C.; ZANINI, R. R. Poluição do ar como fator de risco para a saúde: uma revisão sistemática no estado de São Paulo. *Estudos Avançados*, v. 30, n. 86, p. 83–97, jan. 2016.

MARQUES, T. O. C. V. et al. Doença crônica de amígdalas e adenoides em crianças: uma análise da indicação cirúrgica. *Brazilian Journal of Health Review, [S. l.]*, v. 7, n. 2, p. e67948, 2024.

SABRA, L. N. et al. Amigdalite de repetição em criança: avaliação clínica e amigdalectomia. *Revista Foco, [S. l.]*, v. 16, n. 9, p. e2959, 2023.

SCALABRIN, R. et al. Isolamento de *Streptococcus pyogenes* em indivíduos com faringoamigdalite e teste de susceptibilidade a antimicrobianos. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, v. 69, n. 6, p. 814–818, nov. 2003.